



“O Trapiche” Pág. 27

Os capítulos do livro não são numerados, então o resumo utilizará os nomes!

Termos e novos personagens

- **Trapiche:** máquina para moer cana-de-açúcar
- **Talho:** corte; cicatriz
- **Pedro Bala:** o atual chefe dos Capitães da Areia; é chamado assim desde os 5 anos, quando começou a vagabundear nas ruas da Bahia; hoje tem 15 anos e sabe de todas as ruas e becos da cidade
- **Raimundo, o Caboclo:** o antigo chefe dos Capitães da Areia; desde que perdeu a liderança não voltou mais para a Bahia, indo embora do areal de navio

Capítulo

A narrativa começa contando um pouco sobre o lugar que os Capitães de Areia, termo depois explicado, dormem, um velho trapiche abandonado, onde antes habitava o mar. Na época que o oceano banhava o trapiche, havia uma ponte que recebia e saía muitos veleiros carregados.

Mas, agora, não há mais ondas embaixo da ponte, tudo foi invadido por areia, expulsando o mar e, aos poucos, chegando na frente do trapiche, que foi abandonado.

Durante anos, aquele trapiche só tinha ratos. Por uma curta época, um cachorro vagabundo procurou lá abrigo conta chuva e vento, matando vários dos roedores. Mas, logo partiu e os ratos voltaram a reinar. Isso é, até os Capitães da Areia passarem a utilizá-lo.

O trapiche logo virou parte do domínio daqueles garotos (de idades desde 9 à 16 anos), junto com a zona do areal do cais e toda a cidade da Bahia. Era um lugar perfeito para dormir, melhor que a pura areia.

O trapiche também virou depósito dos objetos que o trabalho do dia os oferecia e a moradia do chefe dos Capitães da Areia. Pedro Bala chegou aos Capitães da Areia quando Raimundo era o chefe, mas logo foi dito como mais ativo, melhor planejador e autoritário que o Caboclo.

Trataram de brigar pela liderança, mas Raimundo cometeu uma desgraça, pois puxou uma navalha e cortou o rosto de Pedro, o deixando com uma cicatriz para o resto da vida. Foram separados e, por Pedro estar desarmado, recebeu a razão e todos ficaram esperando por uma revanche.

Isso aconteceu rápido, e foi a melhor luta já vista pelos areais do cais. Desde aquele dia, Pedro Bala é o chefe dos Capitães da Areia. Foi nessa época que a cidade começou a escutar esse nome, falar sobre esses meninos abandonados que viviam do furto, um número de crianças não exato que dormiam no velho trapiche.

Eles são os donos da cidade, a conheciam totalmente. A amavam e eram seus poetas.

“Noite dos Capitães da Areia” Pág. 30

Termos e novos personagens

- **João Grande:** garoto de 13 anos, o mais alto dos Capitães da Areia. Entrou no grupo aos nove anos, após a morte de seu pai em um acidente de caminhão. Rapidamente se fez um dos chefes e não falta uma reunião de planejamento, mesmo que lhe doa a cabeça ao planejar. É o protetor de todos os mais jovens.
- **Sem-Pernas:** era o espião do grupo, entrava na casa de uma família por uma semana com a desculpa de ser um menino perdido dos pais na cidade. Nunca teve uma família, se “padrinho” o maltratava e os soldados bêbados do reformatório o fizeram correr com sua perna defeituosa em círculos.
- **Gato:** é o elegante do grupo, Boa-Vida tentou conquistá-lo quando chegou no grupo. Vinha dos Índios Maloqueiros, as crianças que vivem sob as pontes de Aracaju. Gostava de dizer como tinha nascido para o grande.
- **Boa-Vida:** nesse capítulo, só aprendemos como amou Gato e como foi sua conquista do menino. De acordo com o livro é um “mulato troncado e feio”.
- **Professor (João José):** apaixonado por livros desde o momento que roubou um em uma estante na Bahia, mas nunca os vende, deixando o trapiche lotado deles. Contava histórias para os Capitães da Areia e era curioso por natureza. É o único do grupo que sabe ler corretamente e era muito respeitado, Pedro Bala não fazia nada antes de consultá-lo. É muito admirado por João Grande.
- **Pirulito:** menino alto e magro que tinha seu canto no trapiche onde enchia as paredes de santos e seus poucos pertences.

Capítulo

Depois de várias apresentações de personagens, Pedro Bala comenta com alguns dos Capitães da Areia como “Gonzales do 14” falará com ele naquele dia, atrás de chapéus novos. É um gringo, que o grupo chama de ladrão, mas ainda sim fazem trabalhos para ele.

O negócio fica com Sem-Pernas, que fica livre para poder levar quem quiser. Menos João Grande e Gato, já que ambos (com Pedro Bala) tem um negócio com Querido-de-Deus no dia seguinte. No final, Sem-Pernas leva Pirulito.

Quando vai chama-lo para o negócio, vê que o garoto reza em seu canto. Faz brincadeiras com ele, como faz com todos (até mesmo que admira e respeita). Ele tinha fama de malvado, dava apelidos e brincadeiras de mal gosto a todos os momentos. Mas na realidade, tinha pena da desgraça de todos, e um sentimento de inveja e desespero em relação à fé de Pirulito.

Tudo que Sem-Pernas queria era felicidade, alegria, fugir daquela miséria. Queria uma solução imediata (diferentemente de Pirulito que a buscava nos céus), queria uma mão de carinho, de amor. Ele tinha medo de dormir.

“Assim ficaria alegre. Talvez ficasse também se viesse alguém, possivelmente uma mulher de cabelos grisalhos e mãos suaves, que o apertasse contra o peito, que acarinhasse seu rosto e o fizesse dormir um sono bom, um sono que não estivesse cheio dos sonhos da noite na cadeia”

Quando Gato entrou no grupo, foi confundido como uma criança de casa de família. Por sua beleza e agilidade, Boa-Vida o desejou. Por muitas semanas, tentou conquista-lo devagar, para não espantar o menino (que tinha mais de treze anos e sabia os motivos de Boa-Vida).

Mas uma noite, estava louco de desejo e quase o forçou. Mas Gato simplesmente pegou o lençol e foi para outro canto do trapiche. Se viram por muito tempo como inimigos, mas agora já voltaram a ficar bem e, em algumas noites, Gato entrega ao Boa-Vida.

Outra noite, quando Gato andava pelas ruas de mulheres, conheceu pela primeira vez Dalva e a desejou imediatamente. Noites e noites voltava a mesma esquina para vê-la, mas ela nunca lhe dava um olhar, e isso só fazia com que ele a amasse mais.

Toda noite, o amante de Dalva, um velho flautista, ia até sua casa. E toda noite, Gato voltava para o trapiche pensando de uma forma de impedir que ele fosse. Até que um dia Dalva conversou com ele.

Estava pedindo sua ajuda, levar uma mensagem a seu amante que naquela noite não havia vindo. Gato o encontrou com uma prostituta em sua casa, e depois de trocar algumas palavras foi informado como o flautista estava cansado de Dalva.

Levou a mensagem à mulher, e fizeram amor. Por isso que, toda noite, Gato sai do trapiche e só volta às manhãs para as aventuras dos Capitães da Areia.

O grupo dos Capitães da Areia tinham mais de 100 crianças, mas nem todas dormiam no trapiche. Só tinham uma coisa em comum. Procuravam carinho.

Gato na cama de Dalva, Professor em seus livros, Pirulito em suas orações e outros meninos em amor na areia do cais.

Sem-Pernas saía correndo no areal, tentando fugir de sua angústia.

Pedro Bala acordou com um ruído no trapiche, e logo viu que se tratava de furto. Um dos meninos estavam abrindo o baú de Pirulito. Pulou em cima da criança, a luta foi rápida.

Logo tratou de expulsá-lo, pois no Capitães da Areia não se rouba de companheiro. Nesse momento Pirulito acordou, e viu que o menino tentava pegar uma medalha que ganhará do padre para dar a uma menina.

Depois de pensar, Pirulito deu para a criança. Seu único pedido era que não contasse para Pedro Bala.

Volta Seca entra no trapiche tarde da noite correndo, passa por meninos dormindo até chegar ao Professor, quem acorda rapidamente.

Trazia consigo um jornal, onde havia a notícia sobre outra invasão de Lampião e seu grupo em uma vila na Bahia. Após a leitura de Professor dessas palavras, o rosto de Volta Seca abriu num sorriso, totalmente iluminado. Ainda com essa expressão, cortava a imagem de seu ídolo do papel. “Dentro dele ia uma alegria de primavera”.

“Ponto das Pitangueiras” Pág. 50

Capítulo

Depois de uma tarde jogando cartas com Querido-de-Deus, esperando por um homem demorou para aparecer. Quando finalmente chegou, não era o responsável por todas as informações. Era o intermediário que falará com Querido-de-Deus. Quando viu as crianças, as tratou com desconfiança, mas logo marcou no bar na madrugada.

Gato, Pedro Bala e João Grande estavam na Porta do Mar esperando novamente pelo informante. Querido-de-Deus tinha um compromisso e não podia ir, mas havia confirmado que ele era um sujeito seguro e o negócio renderia muito para os Capitães da Areia.

Encontraram Joel, o responsável pelo negócio. Ele ficou espantado quando viu que eram apenas crianças. Mas estava desesperado, e era o último momento que o crime poderia acontecer. Os levou para uma casa.

Começou contando que o que precisavam fazer era difícil e fácil ao mesmo tempo, mas era necessário manter tudo em silêncio.

Deveriam ir a uma chácara que estava a frente na rua, entrar pelos fundos e ir para o quarto do empregado. Lá deveria ter um embrulho, semelhante ao que Joel entregava à Pedro. Deveriam trocá-los.

Mas, havia a probabilidade de que o embrulho estivesse com o próprio empregado. Neste caso, não havia nada a fazer (Pedro sugeriu simplesmente lutar o homem, mas era necessário total sigilo, ninguém podia saber que a troca havia ocorrido).

Passaram um tempo negociando o preço e foram para a casa. A primeira coisa que notaram era uma mulher angustiada na janela a cima, mas a ignoraram. Pedro entrou silenciosamente no quarto, e, depois de muito procurar, não encontrou o embrulho.

Espiando na sala, viu que o empregado estava sentado em cima dele. Queria ser pago, então formulou um plano para pega-lo. Mandou João Grande tocar na campainha e sumir, assim Pedro teria tempo de trocar o pacote enquanto o homem levantasse para atender a porta.

Foi o que fizeram, mas, quando Pedro Bala foi encontrar Gato, João Grande não voltou. Demorava, mesmo com Pedro fazendo o assobio dos Capitães da Areia.

Quando o menino finalmente chegou, disse que a mulher do andar de cima ficou muito assustada quando escutou a campainha, e João teve que consola-la, antes que fizesse mais escândalo.

“As Luzes do Carrossel” Pág. 63

Termos e novos personagens

- **Nhozinho França:** era um alcoólatra, dono do Carrossel. Contava histórias como seu brinquedo salvou vilas de serem saqueadas do grupo do lampião. Logo se tornou o ídolo de Sem-Pernas.
- **Volta Seca:** parte dos Capitães da Areia, menino obcecado com Lampião e tudo relacionado com o bandido.
- **Padre José Pedro:** padre da igreja local e um dos únicos adultos que sabe a localização do trapiche. Tem grande parte da confiança dos meninos. Era um dos mais humildes do clero, já que havia sido operário e estudou no seminário já velho. Não tinha reputação, mas era um dos mais devotos.
- **Boa Vida:** era mais um parasite do grupo, trazia e entregava objetos para Pedro Bala. Mas tinha muitos amigos e em geral não aborrecia ninguém. Conhecia a cidade como ninguém, e quando fazia muito tempo que não contribuía com o grupo, arranjava algo e entregava ao chefe.
- **Beatas:** mulher extremamente dedicada as práticas religiosas.

Capítulo

O Grande Carrossel Japonês não é tanto impressionante quanto um dia já fora. Sua tinta estava desbotada, cavalos tinham pedaços faltando. Por isso que Nhozinho França decidiu montá-lo em Itapagipe, local onde as famílias não são tão rias, e sim operários e crianças pobres.

Quando o adulto conheceu Volta Seca e Sem-Pernas, os contratou. Volta Seca ficaria na porta chamando o público, imitando animais. Enquanto isso, Sem-Pernas cuidava das máquinas. Quando o carrossel estivesse parado, Nhozinho venderia entradas, quando estivesse rodando, Volta Seca o faria.

Sem-Pernas tinha o sonho de andar em um carrossel, já havia até comprado uma entrada. Mas os guardas do local haviam o expulsado, e não conseguiu seu dinheiro de volta. Roubou então a gaveta da bilheteria, e saiu correndo ouvindo os gritos de “Ladrão!, ladrão!”. Isso causou mais ódio pelos guardas e mais amor pelo carrossel.

Mesmo sendo velho e acabado, tinha que ter sua beleza, já que era decisão unânime entre os Capitães da Areia que era maravilhoso o carrossel.

Sem-Pernas falava dia e noite sobre o carrossel quando ia ao trapiche, e todos os pequenos corações invejavam tamanha felicidade do menino. Uma noite, acompanharam Sem-Pernas e Volta Seca (que só conseguia falar como Lampião havia andado naquele carrossel) para ver o carrossel funcionando, eram quase 100 crianças olhando o brinquedo girar.

Combinaram que, no dia seguinte, Sem-Pernas colocaria tudo para funcionar tarde da noite para todos os Capitães da Areia andarem. Quando começaram a ouvir a música do carrossel, em silêncio digno de religião, sentiram-se donos da cidade.

Certa hora da noite, Nhozinho manda Sem-Pernas ir substituir Volta Seca na venda de entradas e manda o menino ir dar uma volta no carrossel. Ele escolhe o cavalo que Lampião havia usado e vai pulando nele como se fosse um animal de verdade. Usa seus dedos como armas, atirando em todos que vão na sua frente. Mata todos em sua mente, todos os soldados e fazendeiros ricos.

Depois quem foi no carrossel foi Sem-Pernas, possuía uma estranha comoção. Não escuta nada, só consegue ver todas as luzes girando com ele. Não vê os soldados que bateram nele no reformatório, não escuta a risada do homem de colete. Volta Seca havia os matado na corrida anterior.

Naquela noite os Capitães da Areia não foram para o carrossel, marcaram para o dia seguinte.

E naquela tarde quem apareceu foi padre José Pedro, um dos amigos adultos do grupo. Quem havia feito a conexão foi Boa Vida. O menino estava indo roubar a igreja, mas foi pego pelo padre.

Tentou mentir para não ser preso, e mesmo que José Pedro soubesse o que estava fazendo, não fez nada, pois há muito tempo que queria ter contato com os famosos Capitães da Areia.

Pensava que era sua missão pessoal, trazer aqueles pequenos corações para a palavra de Deus. Já tinha até um plano: levar os meninos para a casas de beatas velhas, que podem se encarregar de muitos deles. Mas, o teste com um meninos do reformatório não deu certo. Ele ficou poucos dias e fugiu com a pouca prata que a mulher possuía.

“O Sem-Pernas (não pensava) em se jogar no mar, onde os sonhos são todos belos”

Percebeu que se tentasse isso com os Capitães da Areia nunca mais os viria novamente, perdendo as confiança e esse mudando do trapiche.

Quando primeiro conheceu os meninos, por Boa Vida, os tratava como homens, como amigos. E logo ganhou a confiança e amizade daqueles que até não gostavam de rezar. O único a fazer uma oposição inicial havia sido Sem-Pernas, mas, em Pirulito havia achado uma vocação sacerdotal.

Na tarde que se encontraram novamente, o padre foi fazer um convite aos Capitães da Areia. Havia tirado dinheiro de uma doação da igreja e estava oferecendo a eles para que fossem no carrossel. Esperava gritos de alegria, mas recebeu silêncio.

O grupo explicou como eram amigos do proprietário e iriam de graça no brinquedo. Falaram como o padro podia colocar de volta o dinheiro que havia pego e a amizade que via nos olhos de todas as crianças foi o bastante para acalmar seu coração e sua fé em seu Deus.

Foi convidado a ir mais tarde para o carrossel com o grupo, e João Pedro viu aquilo como mais um passo na intimidade com os Capitães. Na praça, o carrossel não era tão bonito quanto a noite, mas todas as crianças assistiam Volta Seca imitar animais e Sem-Pernas trabalhar nas máquinas.

Professor pegou um carvão e um papel, e começou a desenhar Volta Seca e o fundo. Logo uma multidão se formou, assistindo seu desenho. Mas toda a diversão foi interrompida quando uma velha magra se aproximou.

Dona Margarida, uma viúva da igreja de padre João Pedro. Começou a perguntar o homem como não se envergonhava estar com essa gente, sendo um sacerdote do senhor. O padre só respondeu falando como eram somente crianças, que nos olhos da velha eram ladrões. Ela se afastou com nojo, no meio da risada das crianças e do padre.

“Este menino promete. É pena que o governo não olhe essas vocações...”

“(…)os olhos dos Capitães da Areia se voltaram a ele e estavam cheios de desejo de andar nos cavalos, de girar com as luzes. Eram crianças, sim – pensou o padre.”

Enquanto o motor funcionava nas mãos de Sem-Pernas, as crianças esqueciam que não eram como as outras, esqueceram que não tinham um lar, um pai, uma mãe. Viviam de furto, vivam como homens, eram temidos na cidade como ladrões. No meio das luzes, as crianças pensavam que eram apenas crianças.

“Docas” Pág. 83

Termos e novos personagens

- **João de Adão:** é um antigo grevista, temido e amado nas docas. É um antigo conhecido de Pedro Bala (só o chamava de “capitão Pedro) e de Boa Vida, como grande parte dos Capitães da Areia. Conhecia o pai de Pedro Bala, e foi ele quem contou sua história para o menino de 15 anos.
- **Raimundo (Loiro):** pai de Pedro Bala, muito conhecido nas docas por seu apelido. Morreu por uma bala no local em que a dupla encontra João, lutando pelos direitos de doqueiros, em uma greve que havia iniciado.

Capítulo

Pedro Bala e Boa-Vida andavam pelas docas, estavam esperando Querido-de-Deus voltar da pescaria (que era sua profissão). Conversavam, e Pedro comentou que gostaria de ser marítimo, já Boa Vida pensava ser besteira sair da Bahia, o melhor lugar para crescer e se tornar um malandro.

Encontraram João de Adão sentado em um caixão. Depois de conversaram um pouco, até que João falou com uma mulher ao seu lado sobre Loiro, ou, Raimundo, homem que morrerá naquele lugar durante a greve.

Contou para Pedro que na época ele tinha quatro anos. Ele andava de uma casa a outra até completar cinco, quando fugiu. João só voltou a escutar do garoto quando se tornou líder dos Capitães da Areia. Quando descobriu que Pedro tinha 15 anos, contou que tinha um local guardado para ele nas docas.

Seu pai era Raimundo e morreu lutando pelo direito dos doqueiros, por isso que Pedro era tão respeitado. Bala só estava recebendo essa informação por que era velho o bastante para entender, estava virando homem.

A mulher que estava na conversa se lembrava de sua mãe. Um mulher linda, que é dito ter sido roubada por Loiro de uma casa de ricos. Morreu quando Pedro tinha apenas 6 meses.

Pedro Bala era a cara do pai, tinha o cabelo da mãe. Tinha vontade de trabalhar nas docas, de fazer o trabalho duro de carregar as mercadorias e de fazer greves pelos seus direitos. Um dia seria que nem seu pai, um homem que João de Adão podia contar a outros meninos sobre, como contava de seu pai.

Depois que ajudaram Querido-de-Deus a descarregar sua pesca, andaram até o candomblé do Gantois. Omulu apareceu com suas vestimentas, avisando aos seus filhos pobres que o dia da vingança chegaria. “As negras dançavam, os homens estavam alegres, O dia de vingança chegaria.”

Pedro Bala voltava ao trapiche sozinho na cidade, sua mente cheia das histórias contadas por João Adão. Se dirigiu para o areal, quando viu um vulto de uma mulher. Uma menina de 15 anos como ele. Correu atrás da garota, e quando a alcançou, ambos caíram na areia.

A menina estava aterrorizada, pensando como deveria saber não andar a noite na areia do cais, a cama de amor dos malandros, ladrões e Capitães da Areia.

Implorava que Pedro deixasse a ir, para proteger sua virgindade tão preciosa. Pedro a estuprou e falou que se não voltasse no dia seguinte no mesmo horário, iria tirar sua virgindade.

A acompanhou de volta para a cidade, segurando sua mão. A menina chorava de desespero e angustia, e chegou a tal ponto que a mão que Pedro segurava parecia de chumbo. Quando chegou na esquina, soltou sua mão e a

garota correu. Mas parou por alguns segundos para soltar desgraças e pragar a Pedro. Este correu, fugindo dessas palavras, em direção do trapiche.

“Aventura de Ogum” Pág. 96

Termos e novos personagens

→ **Don’Aninha:** amiga há muito tempo dos Capitães da Areia, grande mãe-de-santo. Para cada um deles tem uma palavra amiga e maternal, cura doenças, junta amantes, etc... Pedro era tão amigo dela quanto do padre José Pedro (mesmo que não fosse no candomblé ou nas lições católicas).

Capítulo

Pedro Bala, Sem-Pernas e João Grande levavam Don’Aninha até sua casa numa noite escura de inverno. Ela tinha raiva, pois a polícia tinha tirado Ogum que ficava em seu altar, e veio pedir ajuda aos Capitães da Areia para recupera-lo.

Ela tinha raiva que os ricos não deixavam os pobres viverem, tinham fome e não podiam cantar e dançar.

Pedro, vendo a angústia da mulher, prometeu que no dia seguinte recuperaria a estátua (que estava na delegacia)

Estava chovendo, e a maioria dos meninos se apertavam na única parte do trapiche que tinha telhado. Nestas noites de chuva os Capitães da Areia não dormiam.

“No reino dos céus seriam iguais. Mas já tinham sido desiguais na terra, a balança pendia para sempre para um lado.”

Grande parte ainda eram crianças que temiam dragões e outras fantasias. Os mais velhos só tinham frio e sono. Essas noites eram terríveis, até para Gato, que tinha que ficar no trapiche (Dalva era paga muito bem para ter outros homens em sua casa

nessas noites de chuva).

Todos estavam inquietos, sentindo que faltava algo, um carinho de mãe ou de irmã.

Professor usava um sobretudo, tão grande que arrastava no chão por onde andava. Tinha conseguido após roubar um estrangeiro que o havia maltratado. No futuro, quando suas pinturas de mural fossem admiradas por todo o país, todo o gordo burguês que aparecesse sempre estaria vestido com um desses sobretudos.

Quando Pedro Bala voltou para o trapiche se afastou com o Professor para um canto para combinar como recuperar a imagem de Ogum. Antes de sair do trapiche, se virou para o grupo. Falou como se não voltasse no dia seguinte, estaria na polícia e não tardaria a ir para o reformatório. E de lá só sairia se fugisse ou fosse solto.

“Não compreendia. Por que eram odiados assim na cidade? Eram pobres crianças sem pai, sem mãe. Por que aqueles homens bem-vestidos tanto os odiavam?”

O jogo que estava acontecendo voltou, Pirulito foi para o seu canto rezar por Pedro Bala. Volta Seca só pensava quão corajoso Pedro seria quando crescesse, tanto quanto o Lampião. Volta seca poderia andar nas caatingas e nas cidades, já que seu padrinho era Lampião e Pedro Bala seu amigo.

O plano era arriscado, provavelmente o mais arriscado que Pedro já havia feito, mas tinha chances de funcionar. Um guarda amigo de Don’Aninha deu a localização de Ogum e Pedro foi à delegacia, com o plano de lá passar a noite.

Tinha a ótima vantagem de não ser conhecido pela polícia, por que se fosse, seria mandado diretamente para a prisão, não o reformatório.

Quando ia chegando, mudou sua andada para um filho de marítimo. Chegou no guarda pedindo para passar a noite na polícia já que não tinha lugar para dormir, e, quando isso não funcionou, fingiu roubar uma mulher (de formar tão iniciante que não seria reconhecido por um Capitão da Areia se passasse lá) para ser levado à força.

Ficou na sala dos detidos com outras pessoas, esperando sua vez de ser chamado. Encontrou a figura sendo detida e, com cuidado, enrolou seu casaco em volta e colocou embaixo da cabeça, fingindo estar dormindo.

Foi o último a ser chamado para encontrar com o comissário, deixando Ogum escondido no casaco. Contou sua mentira para o homem (“que seu pai era saveirista em Mar Grande e naquele dia pela manhã viera com o saveiro e o trouxera (...) Mas com o temporal seu pai não tinha podido voltar e ele, que não conhecia ninguém, ficou na chuva sem ter onde poderia dormir.”). O comissário não acreditava que uma criança conseguiria inventar uma desculpa dessas, então, depois de checar o livro de registros e encontrar o nome que Pedro havia dado, o libertou.

la correndo de volta para o trapiche quando se virou e viu Professor, João Grande e o Gato atrás de si. Confessou como estava com medo na polícia e juntos voltaram todos para o trapiche.

“Deus sorri como um negrinho” Pág. 110

Era um dia lindo e Pirulito, depois de ter tido uma boa refeição andava despreocupado pela rua. Estava pensando na promessa de padre José Pedro de dar a ele um lugar no seminário para estudar.

Pensar nisso o fez lembrar de Deus, e nisso nos Capitães da Areia. Por mais que roubasse, xingassem e machucassem, Pirulito acreditava que eram bons, bons como Deus.

Mas ele também acreditava que estavam todos condenados para o inferno (Pedro Bala e Professor riam dele por isso, não acreditavam nem em céu ou inferno. Querido-de-Deus e João Grande acreditavam nos deuses da África), e ele tinha medo.

Pirulito era diferente antes de conhecer o padre José Pedro. Brigava, tinha fama de um dos mais malvados do grupo. Mas depois de ouvir as palavras de amor, do céus, da bondade e piedade de Deus, Pirulito começou a mudar. Se voltou completamente para Deus, rezando e se virando de brigas.

Só roubava por necessidade, não falava mais mal de ninguém. E por isso estava indeciso olhando para aquela vitrine. No meio de quadros de santos estava uma escultura da Virgem e o Menino magros e pobres, tristes e com frio naquele dia lindo.

Normalmente o Menino era retratado como rico, gordo, vermelho. Ainda era branco, mas era pobre, pobre que nem Pirulito. A Virgem estava em pose que oferecia o Menino para Pirulito, e seria tão fácil pega-lo, naquela hora vazia e só um vendedor na loja

Mas isso era pecado em seus olhos, pois não ia roubar por fome ou frio, ia pegar para ter para si. Mas, depois de muito pensar, ele avança. Consegue ver o inferno e todo o castigo de Deus, mas pega o Menino para si e corre para a rua.

Em seus braços o Menino antes triste, sorri.

“Família” Pág. 118

Termos e novos personagens

- **Dona Ester:** mulher rica que acolhe Sem-Pernas. Seu filho morreu jovem, uma dor que ainda a acompanha. Guardou as roupas, brinquedos e livros do filho perdido.
- **Doutor Raul:** advogado casado com Dona Ester, ganhou muito com a profissão, mas acima de tudo é um colecionador.
- **Gringo:** Capitão da Areia filho de árabes, tem um sotaque carregado. É muito zoado por Sem-Pernas, e nunca conseguiu uma posição alta no grupo (mesmo que Pedro Bala e o Professor tentem).

“(…) muitas vezes um estava pecando e nem o sabia, porque estava pecando com o pensamento. Pirulito estava pecando, sentiu que estava pecando, teve medo de Deus (...)”

Capítulo

Foi Boa-Vida e Pedro Bala que acharam a casa. Foram eles também que decidiram que aquilo era um trabalho para Sem-Pernas, que deveria entrar na casa por alguns dias e ver a melhor situação para os Capitães da Areia virem e roubarem toda a casa.

Sem-Pernas infiltrou o local como qualquer outro: uma história que sua mãe havia morrido e era muito fraco (por causa de sua perna deficiente) para fazer algum tipo de trabalho pesado. Implorava para Dona Ester um trabalho simples, uma cama para dormir e comida para comer.

A mulher não estava indecisa, e mal foi preciso as lágrimas para deixa-lo entrar. E quando soube que seu nome era Augusto (um que Sem-Pernas criou no momento), ficou pasma. Aquele era o nome de seu filho que havia morrido. A partir daquele momento estava convencida que seu filho havia voltado para si na forma de um menino pobre, triste e aleijado.

Foi preparado um quarto, roupa e almoço para Sem-Pernas. Tinha raiva, só não sabia se era com a mulher ou consigo mesmo.

Por causa de Sem-Pernas Dona Ester teve a coragem de abrir o baú de roupas de seu filho e, com lágrimas nos olhos tirou de lá uma roupa de marinheiro azul. Era a preferida de sua criança, que passava horas no quintal brincando com o gato (até a febre chegar, e depois foi saindo de casa em um caixão).

Deu a roupa para Sem-Pernas.

E a roupa coube perfeitamente, e saiu para o jardim depois do almoço para fumar escondido. Normalmente não precisava se esconder, já que ficava na sala dos empregados, sendo afastado da família com nojo.

Mas não dessa vez, tinha almoçado bem com Dona Ester, conversou com ela como um menino bem educado. Isso estava errado pois odiava a todos, sua única alegria é roubar famílias e imaginar o desespero após o roubo.

Mas dessa vez estava tudo diferente. E Sem-Pernas teme que sejam bons com ele. Sai do seu esconderijo e vai fumar embaixo da janela de Dona Ester, assim todos verão como é um menino perdido que não mercê amor de mãe.

Durante a noite, foi ao cinema com Dona Ester e doutor Raul. Quase cometeu um erro grave: ia pedir uma cerveja gelada no bar que foram logo após, mas segurou a língua e pediu um sorvete.

A conversa com os adultos era difícil para Sem-Pernas, que tinha que segurar todos os palavrões que estava em seu dialeto.

Na hora que Dona Ester o deixou no quarto, beijou sua teste e lhe chamou de filho. Tudo parou no mundo de Sem-Perna, que só conseguia pensar na sensação daquela demonstração de carinho materno.

Naquela noite, foram os mesmo horrores de sonhos de cadeia, mas chega Dona Ester e todos os soldados morrem. Sem-Pernas está vestido de marinheiro e tem um chicote de herói de filme.

Oito dias se passaram, e Pedro Bala foi procurar por Sem-Pernas. Ele deu a desculpa que todos os bens estavam muito bem guardados, mas logo se arrepende ao saber que Gringo quase morrerá.

Pelo resto da tarde era só nisso que Sem-Pernas conseguia pensar, como um deles quase morreu e ele dormia e comia bem. Estava se sentindo um traidor do grupo e isso não faria. Mesmo que isso significasse trair a Dona Ester.

Não percebeu que havia começado a chorar, e quando Dona Ester o pegou no colo e começou a consola-lo (ela pensava que estava chorando por saudade de sua mãe) tudo que pode fazer era chorar e soluçar mais, querendo que a mulher escutasse seu silencioso pedido de desculpas.

Um dia Raul teve que fazer uma viagem ao Rio de Janeiro, e aquela foi a ocasião perfeita para o roubo acontecer. Naquela tarde, Sem-Pernas saiu da casa com desculpa que iria passear, mas nunca voltou. Naquela noite dormiu no trapiche, enquanto Pedro Bala foi com seu grupo saquear a casa.

Na manhã seguinte trocou suas roupas com Gato e teve pesadelos a noite inteira, acordando molhado de suor. Fugiu a noite do trapiche, andando pelo areal.

No outro dia, no jornal tinha uma notícia de que Dona Ester estava procurando pro seu filho Augusto. A casa não havia notado o roubo, e Sem-Pernas tinha certeza que quando percebessem, não estariam procurando como um filho desaparecido.

Foi para o canto do trapiche chorar, deixando pasmos os Capitães da Areia.

“Manhã como um quadro” Pág. 135

Pedro Bala e Professor subiam uma ladeira, rindo todo o caminho. Paravam em alguns pontos específicos com pessoas, para que o Professor pudesse desenhar no chão com seu giz e ganhar dinheiro pelos retratos.

Algumas pessoas pagavam mais, outras menos. Conversavam sobre o talento de Professor, e Pedro deu a possibilidade de os Capitães da Areia se juntarem para pagar a Universidade Belas-Artes para ele, para poder estudar arte e desenho, mas Professor achou essa ideia ridícula.

Quando pararam outro homem pelos desenhos de Professor, ele ficava falando consigo mesmo como os desenhos dele eram uma verdadeira vocação (especialmente já que o garoto nunca estudou cinema). Deu seu endereço para dupla, dizendo que poderia fazer algo para Professor.

A dupla fugiu rápido, por causa de um guarda que se aproximava. No caminho de volta ao trapiche, Professor jogou fora o cartão, dizendo que naquela vida, só podia virar ladrão e nada mais.

Não riam mais e estavam tristes naquele dia de Sol.

“Alastrim” Pág. 143

Termos e novos personagens

- **Cidade Alta:** parte dos ricos da cidade.
- **Lazareto:** estação de quarentena.
- **Almiro:** faz parte dos Capitães da Areia, fugiu de casa e foi morar no trapiche. Tinha relações amorosas proibidas com Barandão.

Capítulo

A varíola se propagou pela Cidade Alta, mas lá os homens tinham vacina, então desceu para os pobres. Muita gente adoeceu, muita gente ficou de cama.

Virou lei falar quem estava doente, todos eram levados para o lazareto e de lá não voltavam (os poucos que retornavam pareciam fantasmas ou aparições de tão raros que eram). Nas casas, as mulheres choravam por medo da varíola e do lazareto.

Almiro foi o primeiro a ser contagiado, e quem tentou resolver a situação e parar o pânico foi Sem-Pernas, que nos dias estava mais calado e perigoso, sempre brigando.

Sem-Pernas queria expulsá-lo do grupo para que não contaminasse todos no trapiche, mas Volta Seca logo foi em sua defesa com uma arma, falando que ele era parte do grupo e quem decidia essas coisas era Pedro Bala (durante todo o tempo, Pirulito só falava como aquilo era castigo de Deus, até se levantar e chamar o padre José).

Brigaram por muito tempo, até que Pedro voltou e decidiu levar Almiro de volta para sua casa, com a promessa de padre José Pedro que conseguiria um médico em sigilo.

Mas aquele médico seguiu a lei e Almiro foi levado para o lazareto, além disso, denunciou o padre, que sabia da lei e mais uma vez ficou do lado dos Capitães da Areia.

Padre José Pedro foi chamado para encontrar com cônego secretário do arcebispado. Foi uma reunião longa onde o padre era acusado de trazer as autoridades para a Igreja, várias queixas e que os outros membros não concordavam com seus métodos com os Capitães da Areia.

Mas, depois de defende-los, a coisa que lhe foi dita que mais ficou consigo foi como não era inteligente suficiente para compreender os desígnios de Deus, era um comunista e por tanto um inimigo da igreja.

Estava tão mal na rua que outras pessoas riam, lhe chamando de bêbado.

Boa Vida foi o próximo a ser infectado, mas este saiu no meio do dia do trapiche com todas as suas coisas em direção do lazareto. Nessa hora, só havia o Professor lá. Lhe pediu que não contasse a ninguém onde estava indo, somente a Pedro Bala.

Se despediram, e o Professor pensava que era a última vez que viria seu amigo. E pretendia cumprir seu último desejo, de quando fosse desenhar seu retrato, não colocar nenhuma varíola.

A varíola entrou em um trem no leste e foi para o sertão.

Boa Vida voltou para o trapiche magro e cheio de marcas em seu rosto, mas estava sarado. Tentaram lhe perguntar como foi o lazareto, mas no fim acharam que era melhor não. Só contou que foi ruim. Mas o coração de Boa Vida continuava o mesmo.

“Destino” Pág. 163

Estavam na Porta do Mar esperando por Querido-de-Deus, o bar finalmente estava cheio de novo, já que antes a varíola não deixava.

Comentavam sobre quão difícil era a vida de pobre e do lazareto, até que Pedro Bala comentou “Um dia a gente muda...” sobre o destino da pobreza.

E todos o olharam com respeito quando João de Adão falou que era filho de Loiro, e suas palavras eram a de seu pai.

“Filha de bexiguento” Pág. 167

Termos e novos personagens

- **Dora:** a primeira menina dos Capitães da Areia, tinha treze a catorze. Para alguns tem o papel de mãe, outros de irmã e para dois de noiva. Ambos seus pais morreram na epidemia de varíola, isso a deixou com seu irmão de 6 anos.
- **Zé Fuinha:** irmão mais novo de Dora

Capítulo

Após a morte de seu pai e sua mãe pela varíola, Dora pega a mão de seu irmão e sai do morro que morava, não se despediu de ninguém, quase como se fugisse.

Estava indo para a cidade, ia procurar emprego na casa onde sua mãe costumava a trabalhar. Mas, no meio do caminho, seu irmão teve fome e cansaço, então o deixou num quintal com pão e foi o resto do caminho.

Estava com fome e cansada, mas foi até o final. Chegando lá, descobriu que a mulher já havia contratado outra mulher e que não precisava de mais ninguém. Querendo que Dora fosse embora, pelo medo da varíola que havia matado seus pais, lhe deu dinheiro por cima da grade.

Dora procurou em mais casas, mas ninguém a aceitava, então voltou para onde havia deixado Zé Fuinha. Mas não o encontrou. Depois de muito procurar nas ruas o viu espiando um jogo de bolinha de gude entre dois meninos.

Se sentou em um banco e chamou Zé, que foi seguido pelos dois garotos (João Grande e Professor). Depois de conversarem e ouvirem sua história, os convidam para ir dormir no trapiche.

Assim que chegaram, todos os meninos queriam ir para cima de Dora. João Grande se pôs entre eles, mas somente os dois não seria possível segurar todos. Começou uma briga. Dora estava aterrorizada, Zé Fuinha chorava e os meninos brigavam.

Tudo parou quando Pedro Bala entrou no trapiche. No começo também tratou a menina como comida, mas depois de escutar sua história foi para o lado de João Grande e Professor. Com sua ordem, ninguém deveria tocar nela. Mas disse que deveria embora no dia seguinte.

Mas Dora não concordou, estava confiante, via em Pedro um herói. Depois de ajudar com as feridas de Professor e Boa-Vida disse que ficaria, afinal, Pedro não disse que a protegeria?

“Dora, mãe” Pág. 178

O primeiro a vê-la desse jeito foi Gato, que, enquanto tinha sua camiseta (que ainda vestia) sendo costurada, lembra de sua própria mãe, que fazia o mesmo.

Conseguia ouvir a voz de sua mãe cantando, sentir o carinho bom, a segurança das mãos de Dora em suas costas (um sentimento muito diferente que sentia com Dalva).

Naquele momento que imagina que sua mãe voltou esquece de tudo, é apenas uma criança de 14 anos, totalmente criança e sente somente felicidade.

Conta para Dora que ela agora é sua mãe, e, o rosto maternal da menina para sempre ficaria gravado na mente de Professor, que assistia a cena em silêncio.

Durante uma das histórias de Professor, todas as crianças riam com Dora e a olhavam com amor, como se olha para uma mãe amada.

Para Volta Seca, Dora lhe lembra sua própria mãe. É tão corajosa quanto ela. Dora lhe ouvia falar de como deveria ir encontrar seu padrinho, Lampião, com muito orgulho. E Professor, apertando seus olhos míopes, conseguia ver a mãe de Volta Seca em Dora também.

Pirulito a via com desconfiança, pois em sua mente Dora (e todas as mulheres) eram o pecado. Mas, quando a viu olhando para os quadros de santo e se interessar por eles, relaxou. Ninguém mais se importava com seus santos, e adorou receber atenção e simpatia da menina.

Professor estava só ao lado, ouvindo, quando Pirulito recebeu a grande vontade de contar a Dora que queria ser padre, seguir a vocação religiosa. É algo que só se conta a mãe, e, naquele momento, decidiu que Dora era sua mãe também.

Professor também viu a mãe de Pirulito em Dora mesmo sem tê-la conhecido, e, sente inveja pela felicidade do menino.

Para Pedro era mãe, irmã e esposa. E Dora amava-o como um filho, um irmão e uma amado muito belo. Professor só insistia que ela era como mãe, porque, para ele, Dora também era amada.

“Dora, irmã e noiva” Pág. 188

Termos e novos personagens

→ **Ezequiel:** chefe de outro grupo de meninos mendigos e ladrões.

Capítulo

O vestido dificultava muito seus movimentos, então Dora colocou uma calça e passou a usar o vestido como blusa. Quase não podia ver que era uma menina, se não fosse pelos cabelos em seu rosto.

Depois de muito discutir com Pedro Bala, conseguiu convence-lo a deixá-la participar dos dias na rua com os Capitães da Areia. Ele encolheu os ombros e se fez que não tinha nada haver com aquilo, mas ela sabia que estava preocupado.

Dora andava sempre com Pedro Bala, João Grande e Professor. Era uma irmã para João Grande, e Professor só queria receber um daqueles olhares que Pedro Bala recebia, olhares de pleno amor.

Numa noite, Pedro Bala chegou no trapiche com um olho inchado e lábio sangrando. Só estava Dora e Zé Fuinha que dormia no local. Tinha sido encurralado por Ezequiel e outros três, e já planejava sua vingança.

Dora o ajudou com o olho, e, quando passou para os lábios, lhe deu um selinho e fugiu, se escondendo de Pedro Bala até os outros voltarem.

Mas Pedro não podia pensar em amar Dora, pois se fizesse isso, outros garotos podiam pensar que também tem esse direito. Não haveria mais lei entre os Capitães da Areia. Mas, quando se deitaram lado a lado na areia, combinaram que um dia iriam se casar, estavam noivos.

Pedro Bala reuniu os chefes dos Capitães da Areia, junto com Dora, para planejarem a vingança contra o grupo de Ezequiel. Fizeram um plano de batalha e no meio da noite saíram.

Enquanto andavam, Dora chamava os meninos de mano e irmão, e recebia em troca irmã. Era uma deles, uma boa amiga. Para os menores era uma mãe e para Pedro Bala, mesmo que todos não saibam, é noiva.

O que realmente ninguém sabe é que para Professor, também era noiva.

A volta ao trapiche foi de vitória, só se falava da coragem de Dora, que brigara como um menino, igual a um homem. Pedro e Dora dormiram lado a lado, de mãos dadas, como irmãos.

“Reformatório” Pág. 196

Se lê uma notícia de jornal “Preso o chefe dos Capitães da Areia”, que também continua dados sobre uma menina no grupo, a informação que o líder é filho de um grevista e que outros conseguem escapar do grupo.

A menina (Dora) foi levada para um orfanato, onde com certeza irá esquecer sobre os Capitães da Areia e de seu “noivo”, já Pedro Bala já está sendo levado para o reformatório, onde ficará até ser reformado.

Não declarou a polícia onde o grupo se escondia, só disse sobre seu nome, seu pai e que não tinha ninguém no mundo.

Sem-Pernas foi decidido como chefe até a volta de Pedro Bala.

A polícia o torturava, mas Pedro só conseguia pensar em seus amigos no trapiche. Não saiu de nada de sua boca, e foi levado ao reformatório. Lá com certeza falaria, pensava o diretor, com certeza.

Por ser chefe dos Capitães da Areia, não iria ser tratado como outro. Ficaria na solitária por oito dias, recebendo só água e feijão.

Era um quarto pequeno, não era possível ficar em pé ou deitado. Pedro só conseguia pensar em sua liberdade, que também incluía Dora. Ele precisava de movimento, de correr e pular para poder pensar em um plano de escape, um plano para libertar Dora.

Depois de alguns dias, começa a xingar todos, pensa que aquele lugar deve ser o inferno que Pirulito tanto fala sobre. Tem sede e fome, e apesar de tudo isso, dorme. Sonha de ratos roerem o belo rosto de Dora.

Consegue escutar uma voz do outro lado da parede, que diz que tem um recado para o chefe dos Capitães da Areia. Bate na porta, tenta se comunicar, mas é ameaçado passar 15 em vez de 8 dias na solitária.

O menino do outro lado não consegue lhe passar água para matar a sede que lhe consome, mas lhe passa um cigarro e diz que passa a mensagem quando Pedro saísse de lá.

Apenas 5 dias, e Pedro não sabe mais diferenciar as vozes de pesadelos, do escuro com noite.

“É sempre noite. Dora morre lentamente ante suas vistas. João Grande ao seu lado, as grades separando. Professor e Pirulito choram. Ele dorme ou está acordado? A barriga dói violentamente.”

No oitavo dia o tiram de lá, com a esperança de que ficasse mais manso. Mal anda no corredor que desmaia, caindo no chão pensando em Dora, teria morrido ou não?

Pedro Bala está irreconhecível de tão magro.

Depois de dias falando com meninos desconhecidos, trabalhando pouco pois não tem forças, Pedro Bala tira as roupas para que os cachorros não sintam seu cheiro e foge em direção da liberdade.

O jornal diz “O chefe dos Capitães da Areia consegue fugir do Reformatório”. No trapiche todos riem, até padre José Pedro, em gargalhadas, como um dos próprios Capitães da Areia.

“Orfanato” Pág. 217

Somente um mês de orfanato foi o bastante para matar as alegrias de Dora. Não fora feita para ser contida, amava o sol, a rua, a liberdade. Tinha que ouvir aula com outras crianças, a comida era ruim, tinha castigos. Veio uma febre, tinha sempre febre, mas nada falava porque odiava a enfermaria e seu silêncio.

Quando conseguia, ia para perto da grade onde Professor e João Grande rondavam, soube por um bilhete deles que Pedro Bala escapou o reformatório e viria salvá-la. Tudo que precisava fazer era dar um jeito de ir para a enfermaria, o que foi fácil. Estava sempre com febre.

Os Capitães da Areia trouxeram com eles a luz. Pedro Bala estava magro, Professor colocou uma navalha para uma freira e as meninas na enfermaria tremiam de medo. Dora estava tão fraca que mal conseguia se levantar.

Mas se levantou e nem sentia a febre, porque ia junto a Pedro Bala com suas mãos entrelaçadas.

“Noite de grande paz” Pág. 219

Os Capitães da Areia olhavam Dora (mãe, irmã, noiva, amada) e Don’Aninha que rezava para que a febre diminuísse. A paz da noite na Bahia não estava em seus corações, que tremiam com o medo de perder Dora. Mas a paz estava dentro dos olhos da menina.

“Dora, esposa” Pág. 220

Sem-Pernas acompanha Don’Aninha de volta para casa, Pirulito vai atrás do padre José Pedro. Dentro do trapiche os meninos deitam no chão, sem conseguir dormir. Dora havia beijado Zé Fuinha, que sabia que sua irmã estava doente, mas não pensava que ela fosse deixá-lo.

A pedidos de Dora, Pedro a tornou sua. Sua esposa, sua mulher. E ela dormiu em paz, az da noite de Bahia.

Na manhã seguinte Pedro a encontrou fria e sem pulso, grita e sai correndo soluçando depois das acusações de João Grande. Professor só olha, não tem coragem de tocá-la.

Estava morta, e Pedro Bala só conseguia soluçar.

Foi como uma sombra para todos dentro do trapiche, menos para Pedro Bala que a teve e Professor que a amou. Pedro Bala estava imóvel, segurando para si o cadáver. João Grande chora que nem mulher e Professor percebe que seu tempo no trapiche chegou ao fim.

“Como uma estrela de loira cabeleira” Pág. 224

Pedro Bala se joga na água, não consegue permanecer no trapiche, entre os choros e as lamentações. Quer ir atrás de Dora, se reencontrar com ela.

Querido-de-Deus o recolhe da água.

“Vocações” Pág. 229

Não havia passado muito tempo da morte de Dora, fora um acontecimento sem explicação, totalmente inesperado. Professor entrou no trapiche e não acendeu uma vela e pegou um livro, para ele toda aquela vida tinha acabado com a ida de Dora.

Começou a organizar suas coisas, guardar todos os seus livros. Tinha mudado desde Dora, estava mais quieto, sério, começou a conversar com o homem que, há tempo, lhe dera seu endereço. Iria estudar para ser pintor no Rio de Janeiro.

Pedro, recebendo essa notícia, tinha um sentimento que não conseguia explicar, mas sabia que Professor um dia iria ajudá-los. Os Capitães da Areia nunca o esqueceriam. Ele se foi com os gritos de despedida das crianças.

Pirulito trabalhava, não roubava mais. Ainda morava no trapiche pela insistência de Pedro Bala, mas não levava a mesma vida dos outros. Ele queria viver para Deus, inteiramente para Ele. Estava marcado.

Padre José Pedro foi chamado novamente ao arcebispo, e dessa vez, tinha medo de levar outra bronca ou ser chamado de traidor. Mas, estava lá para receber a paróquia que tanto queria. E aproveitou e os contou sobre Pirulito, contando como nunca havia visto uma vocação tão decidida. Os tornaram um irmão da igreja.

Os Capitães da Areia levaram o padre a estação de trem, e lá mal reconheceram Pirulito em seu traje de irmão, o mais novo irmão Francisco da Sagrada Família.

Boa-Vida aos poucos também desaparece do trapiche, entrando totalmente na vida de malandro. Com 19 anos não volta. Em sua mente, imagina que os futuros Capitães da Areia o admirarão como ele um dia admirou Querido-de-Deus.

Pedro Bala e Sem-Pernas voltaram a ver Pirulito em uma igreja, mas este não os viu.

“A voz bondosa de Pirulito atravessa a igreja. A voz de ódio do Sem-Pernas estava junto de Pedro Bala. Mas ele não ouvia nenhuma. Ouvia era a voz de João de Adão, o doqueiro, a voz de seu pais morrendo na luta”.

“Na rabada de um trem” Pág. 242

Gato foi enfiado em uma roupa elegante por Dalva, que o levou consigo para Ilhéus. Gato não tinha ainda 18 anos, amava Dalva fazia 4. Iria enriquecer, virar fazendeiro.

Pedro Bala só ria, vendo outro ir embora. Os mais velhos, antigos chefes do grupo estavam indo embora. Dentro de pouco tempo Pedro não será mais rapaz, deverá entregar a chefia dos Capitães da Areia para outro. Mas onde iria?

Volta Seca foi o próximo a pegar um trem, mas não teve uma despedida, não era para ser para sempre sua ida. Iria passar um tempo com Maloqueiros de Aracaju (os Capitães da Areia em Aracaju).

Passou a viagem de trem lembrando de como tinha mãe, tinha terra. Mas aquilo foi tirado de si quando Lampião foi para o sertão de Pernambuco. Sua mão foi para a cidade em busca de justiça mas morreu no meio do caminho.

Foi no trem que um cangaceiro de óculos entrou e apontou o fuzil para o coronel no trem. Era Virgulino Ferreira Lampião, seu padrinho. A princípio não reconheceu Volta Seca, mas depois de se lembrar dele e sua mãe e descobrir que o menino de 16 anos já havia brigado com soldado lhe deu um fuzil.

Volta Seca atira nos dois soldados capturados, e com o punhal, faz os dois primeiros riscos na madeira do fuzil. O primeiro de muitos.

“Como um trapezista de circo” Pág. 250

Era uma audácia atacar aquela casa na Rui Barbosa, os meninos foram perseguidos. Pedro Bala, João Grande e Barandão conseguiram escapar, mas Sem-Pernas fora encurralado.

Corria dos soldados, não iria ser pego. Eles achavam que ia parar quando chegou na frente do elevador da Bahia, mas não parou. Subiu na mureta, olhou para os soldados, cuspiu em um perto e se jogou para trás.

Seu cachorro late entre as grades do muro.

“Notícias de jornal” Pág. 252

Termos e novos personagens

→ **Jornal da Tarde**: principal jornal da Bahia na época do livro.

Capítulo

A primeira notícia é sobre um baiano pintor, João José, que faz sucesso no Rio.

“Um detalhe notaram que todos que foram a esta estranha exposição de cenas e retratos de meninos pobres. É que todos os sentimentos bons estão sempre representados na figura de uma menina magra de cabelos loiros e faces febris. E que todos os sentimentos maus estão representados por um homem de sobretudo negro e um ar de viajante.”.

Outra fala sobre o vigarista pego pela polícia de apelido de Gato.

A terceira sobre a briga causada pelo malandro conhecido como Boa-Vida. A polícia estava atrás dele.

“Uma criança de dezesseis anos no grupo de lampião” lia a manchete de uma edição esgotada. Era constado que seu fuzil tinha 35 marcas e que, era tão cruel, que uma pessoa do seu próprio grupo tinha levantado a arma contra o menino. Mas estava morto, já que Lampião tinha orgulho dele.

Meses depois, outra edição esgotada foi sobre a prisão de Boa-Vida. Tinha sido condenado 30 anos pela morte confirmada de 15 homens (mesmo que seu fuzil tivesse 60 marcas). Sociólogos diziam que não tinha vocação para tamanha crueldade, que era completamente normal. Fora o ambiente.

“Companheiros” Pág. 256

Termos e novos personagens

→ **Alberto**: estudante de faculdade amigo de João de Adão.

Capítulo

Após João de Adão apresentar Alberto para Pedro Bala eles conversaram sobre as greves, sobre Volta Seca e sobre Professor. Alberto precisa da ajuda dos Capitães da Areia para parar uns fura-greves que queriam impedir as greves pacíficas e organizadas dos operários.

Organizaram a ação e foram, todo o tempo pensando em terminar com o traidor e pensando na festa dos pobres, a greve.

“Os pobres é tudo companheiro, companheiro da gente”

Os fura-greve falham, a greve não é furada. Os Capitães da Areia são vitoriosos.

“Companheiro... Companheiro... Pedro Bala acha a palavra mais bonita do mundo. O estudante diz como Dora dizia a palavra 'irmão'.”

“Os atabaques ressoam como clarins de guerra” Pág. 265

“Depois de terminada a greve o estudante continua a vir ao trapiche. Mantém longas conversas com Pedro Bala, transforma os Capitães da Areia numa brigada de choque.”

Pedro Bala reencontra Gato, que anda elegante. Não está mais com Dalva, a trocou por uma morena e vendeu seu anel para um coronel.

Os meninos conversam e riem.

A revolução passa a chamar Pedro como Deus chamava Pirulito.

Pedro Bala foi aceito pela organização no mesmo dia que João Grande embarcou como marinheiro em seu primeiro navio cargueiro.

Não se despedem, mas sim trocam um gesto de saudação entre companheiros.

Pedro comanda uma batalha de choque formada por Capitães da Areia.

Alberto fica com essa brigada quando Pedro Bala foi mandado para organizar os Maloqueiros de Aracaju em uma outra brigada de choque.

Pedro Bala entra pela última vez no trapiche. Lá se despede, passa a liderança do grupo para Barandão, e sai no meio de gritos, de punhos levantados, de crianças saudando. Pedro Bala estava indo mudar o destino de outras crianças no Brasil.

OBSERVAÇÃO!!!

Não nos responsabilizamos por conteúdos ausentes no arquivo.

Este resumo deve ser utilizado como uma **ferramenta extra de estudo**. Não se limite a ele. Não deixe de ver os outros materiais! Deve ser usado como um **materiais de revisão**.

***Este material também não foi revisado por nenhum professor e está sujeito a erros**

Boa VL (9E) e prova bimestral!